

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Análise discursiva da imagem da mulher operária da Zona Franca de Manaus

Voluntário: Marcondes Cabral de Abreu

Manaus

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-H/0064/2011

Análise discursiva da imagem da mulher operária da Zona Franca de Manaus

Bolsista: Marcondes Cabral de Abreu - Voluntário

Orientador: Prof. Msc Paulo Roberto de Souza Freitas

Manaus

2012

RESUMO

Este trabalho busca analisar, de acordo de com os pressupostos da Análise do Discurso de matriz francesa, o funcionamento discursivo dos jornais A Crítica e Jornal do Comércio. Pretendemos investigar como esses jornais estão tratando a imagem da mulher operária da Zona Franca de Manaus, principalmente no dia da semana internacional da mulher, durante os anos de 2007 a 2010.

ABSTRACT

This work seeks to analyze, in agreement with the assumptions of discourse analysis of the French headquarters, the discursive functioning of the newspaper *Jornal do Comercio and Critique*. We intend to investigate how these newspaper are dealing with the image of women working in the Manaus Free Zone, especially on the internacional women's week, during the years 2006 to 2010.

Sumário

RESUMO	i
ABSTRACT	ii
1.0 – INTRODUÇÃO	4
2.0 – REVISÃO DE LITERATURA	7
2.1 – Análise do Discurso	7
2.2 – Estruturalismo	8
2.3 – Linguística.....	9
2.4 – Psicanálise.....	11
2.5 – Marxismo	15
2.6 – Sentido	16
2.7 – Subjetividade.....	20
2.8 – Heterogeneidade.....	21
2.9 – Identidade.....	21
2.10 – Formação discursiva	22
2.11 – Formação ideológica	23
2.12 – Ideologia.....	24
2.13 – Polifonia.....	26
3.0 – METODOLOGIA	27
4.0 - ANÁLISES	28
5.0 - RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	40
6.0 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	41
7.0 – REFERÊNCIAS.....	42

1.0 – INTRODUÇÃO

Escolhemos a Análise de Discurso (doravante AD) de linha francesa, como teoria para realizar este trabalho em virtude do objeto que queremos focalizar, a mulher, no caso, a construção da imagem da mulher operária na Zona Franca de Manaus. Pois a AD é uma teoria que trabalha os processos de construção de significados, portanto, está de acordo com o tipo de investigação que estaremos realizando.

O corpus que utilizaremos são matérias que foram publicadas em 2 jornais em circulação na cidade de Manaus, nos anos de 2007 a 2010, durante a semana do dia internacional da mulher. Além desse jornais, buscaremos trabalhos de autores amazonenses que já levantaram questionamentos sobre esse tema, apesar de ser com um outro olhar teórico.

Analisaremos o processo de construção da imagem da mulher operária na Zona Franca de Manaus, como se dá o uso ideológico dessa imagem nos meios de comunicação impresso, jornais em circulação na cidade e como é produzido o discurso da classe operária feminina. Dessa forma trabalharemos com a Análise de Discurso de linha francesa que teve seu início nos anos de 1960, é herdeira das três regiões de conhecimento – Psicanálise, linguística e Marxismo e tem por objetivo observar não o que o texto quer dizer, mas como ele funciona. Este trabalho traz muitos benefícios, para a sociedade acadêmica, para a sociedade em geral.

Buscaremos compreender o emprego dos processos interpretativos, análise da representação da mulher operária na sociedade manauara e o estudo do uso ideológico dessa imagem nos meios de comunicação. A AD é uma teoria muito extensa, que analisa a língua através da ideologia e dos processos interpretativos feitos pelo analista de discurso.

A AD é um campo de conhecimento que trabalha com a linguagem, através do olhar para o inconsciente, para a história, para a ideologia, nas suas mais diversas práticas e para a linguística. Nestas práticas caracterizadas na forma de discurso existe um processo de dominação, ou seja, a

imagem construída não é neutra, mas parte de um processo de construção com finalidades que precisam ser desvendadas.

A sociedade em geral se beneficiará na medida em que a imagem da mulher for analisada, pois desta forma, estaremos contribuindo para uma maior valorização e para maior inclusão desta na sociedade, não como objeto e força de trabalho, mas como ser na sua peculiaridade, como pessoa. Verificando que atrás do discurso da mulher operária temos o discurso da mãe, da esposa, da mulher e são peculiaridades que estaremos buscando através da análise dos textos extraídos dos jornais.

Como isto está se dando na nossa realidade social? Como a mulher está sendo representada? São estas questões que nos movem a trabalhar com a análise do discurso. Para a realização deste projeto, nos angustia a representação construída pelos meios de comunicação da imprensa. Queremos, portanto, através deste trabalho desvendar o processo de construção da imagem feminina na nossa cidade.

A sociedade passa por muitas transformações e um dos indícios dessas transformações é visível pela mudança do papel da mulher na sociedade, a mulher na sociedade moderna não é mais aquela mulher submissa ao marido, que tem como função apenas ter filhos, criá-los e cuidar da casa. Agora ela é independente, pode estudar, escolher com quem casar, se quer ou não ter filhos é o principal sinal dessa independência: ela pode trabalhar fora de casa, ganhar seu próprio dinheiro e se sustentar, ser até dona do seu próprio negócio. Trabalhar em áreas que até séculos atrás eram exclusivamente masculina, mas essa conquista não foi fácil ou rápida, com a segmentação do mercado de trabalho por gêneros a mulher teve que ir conquistando o seu espaço no mercado de trabalho lentamente, nas mais diversas áreas, desde a parte de produção de uma fábrica até sua gerência, recebendo na maioria das vezes salários abaixo dos homens realizando a mesma atividade. Castells afirma que “Trabalho, família e mercados de trabalho passaram por profundas transformações neste último quarto de século em virtude da incorporação maciça das mulheres no mercado de trabalho, quase sempre fora de seus lares. (2008, p. 191).

Em Manaus um grande passo para essa independência foi a inserção da mulher na Zona Franca de Manaus, onde a mão de obra era exclusivamente masculina restando as mulheres atividades como professoras, cozinheiras, faxineiras; e a partir do momento em que a mulher teve a oportunidade de se inserir num espaço que antes era dominado por homens, fugindo assim das atividades domésticas, ela passou a lutar por melhores salários e condições adequadas para trabalhar, alcançando posteriormente áreas de administração e gerência. Como isso está sendo retratado pelas mídias impressas? Isso é mencionado? A mulher continua lutando pelos seus direitos? Tudo isso será analisado por meio dos jornais coletados.

Com a mudança do papel da mulher na sociedade a representação social dela também mudou, porque ela passou a ter novas atividades, a conquistar mais espaço, a ter mais direitos, mas essa mudança é gradativa, e ainda ocorre, não basta à mulher começar a trabalhar fora de casa é preciso que o discurso dela circule, signifique. A representação social da mulher está se modificando, não é algo estagnado, acabado, ela se transforma. Para gerações passadas a mulher tinha uma determinada representação que certamente será diferente da representação dela para uma geração futura, é preciso tornar familiar essa nova representação.

As representações sociais têm como uma de suas finalidades tornar familiar algo não-familiar, isto é, uma alternativa de classificação, categorização e nomeação de novos acontecimentos e idéias, com as quais não tínhamos contato anteriormente, possibilitando, assim, a compreensão e manipulação destes à partir de idéias, valores e teorias já preexistentes e internalizadas por nós e amplamente aceitas pela sociedade. (MOSCOVICI, 2003, p.55)

Esperamos que após esse projeto, análise da imagem da mulher operária da Zona Franca de Manaus, ocorram muitos outros projetos com base na teoria da Análise de Discurso que é uma teoria muito abrangente e pode ser usada em muitas outras pesquisas, através de outros meios de produção de discurso.

2.0 – REVISÃO DE LITERATURA

2.1 – Análise do Discurso

A análise do discurso é uma área de conhecimento, que faz parte da Linguística e se propõe a olhar o texto e o discurso fugindo da subjetividade, pois não existe signo sem interpretação, assim trabalha-se com um aparato teórico que permite verificar o uso de ideologias presentes diferentes discursos. O trabalho do analista é evidenciar as marcas da ideologia e da presença do inconsciente que atravessam os diferentes tipos de discursos. Para o analista interessa como se dá o processo de significação, e isto se evidencia muito claramente nas palavras de Orlandi.

Mesmo se a finalidade primeira é descrever, [...] o trabalho do analista de discurso não se limita à descrição. [...] melhor dizer sua finalidade não é descrever, mas compreender – isto é, explicar, os processos de significação que trabalham o texto; compreender como o texto produz sentido através de seus mecanismos de funcionamento. (ORLANDI, 2001, p.21).

Estes mecanismos de funcionamento são elementos constitutivos do texto e estão relacionados a produção de sentidos. Esses sentidos nos ajudam a compreender as finalidades desse texto e quais os processos de significação existentes que estão sendo vinculados a ele.

Com relação ao objeto de estudo da análise do discurso, segundo Orlandi (2010), conforme o próprio nome nos remete, estuda o discurso, além de estudar a língua e a gramática. A palavra discurso, segundo a autora, tem a ideia de curso, de percurso, de movimento.

Cabe aqui uma distinção entre a Análise de Conteúdo e a Análise do Discurso.

A análise de conteúdo, [...] procura extrair sentidos do texto, respondendo à questão: o que este texto quer dizer? Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa? Há aí um deslocamento, já prenunciado pelos formalistas russos, onde a questão a ser respondida não é o “o quê” mas o “como”. Para responder, ela não trabalha com os textos apenas como ilustração ou como documento de algo que já está sabido em outro lugar e que o texto exemplifica. Ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade. (ORLANDI, 2010, p.18).

A Análise de Conteúdo, fica mais no plano estrutural do texto, buscando retirar desse texto a informações dadas pelo próprio texto; já com relação a Análise do Discurso, a abordagem textual é diferente porque não se busca somente entender o que o texto está querendo dizer, mas sim, as ideologias presentes nesse texto que contribuirão também para que esse texto signifique. Logo, é

inviável estudar o texto sem vinculá-lo ao que é exterior a ele e é isso que a AD faz com relação ao seu estudo sobre o texto. Portanto, como se pode perceber, o nosso trabalho consiste em analisar a significação do texto em relação a sua história.

O surgimento da Análise do Discurso deu-se sob a influência de três correntes científicas: o Estruturalismo linguístico, a Psicanálise, e o Marxismo.

“[...] a Análise do Discurso é herdeira das três regiões de conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele”. (ORLANDI, 2010, p.20).

Análise de Discurso de linha francesa surgiu no início dos anos 1960, sob a égide do Estruturalismo. Sendo considerada uma disciplina de entremeio que apesar de ser herdeira dessas três regiões de conhecimento, está constantemente discutindo seus pressupostos e colocando questões tanto para a Linguística como para as Ciências Sociais (Marxismo) e para a Psicanálise.

2.2 – Estruturalismo

O estruturalismo se aproximou bastante de outras vertentes muito em voga naquele momento que eram: marxismo e a psicanálise. A primeira entra com Karl Marx a respeito da infraestrutura econômica; e, por último, Sigmund Freud com a descoberta do inconsciente.

“Saussure, o precursor do estruturalismo, enfatizou a ideia de que a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente”. (COSTA, 2011, p.114). O estruturalismo compreende a língua como sendo formada por elementos que se inter-relacionam e funcionam de acordo com um conjunto de leis internas, um sistema, uma estrutura. É através dessas leis internas que os estruturalistas buscam entender o funcionamento da língua.

“[...] a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma. É o que chamamos estudo imanente da língua, o que significa dizer que toda preocupação extralinguística precisa ser abandonada, uma vez que a estrutura da língua deve ser descrita apenas a partir de suas relações internas. Nessa perspectiva, ficam excluídas as relações entre língua e sociedade, língua e cultura, língua e distribuição geográfica, língua e literatura ou qualquer outra relação que não seja absolutamente relacionada com a organização interna dos elementos

que constituem o sistema linguístico.” (COSTA, 2011, p.114).

Em suma, o estruturalismo procura entender as regras internas que regem as línguas, para a partir daí descrevê-la. Além disso, os estruturalistas por estarem fixados nesses estudos relacionados essas leis internas, esqueciam de vincular a língua àquilo que lhe é exterior.

Mesmo com tudo isso, naquele momento, as influências do estruturalismo tomou grandes proporções e ultrapassou o espaço estritamente linguístico, e foi em direção as áreas da semiótica e da análise literária que foi desenvolvida por Roman Jakobson.

2.3 – Linguística

Ferdinand de Saussure é considerado o fundador da linguística moderna. Ele é famoso pelo conhecido “*Curso de Linguística Geral*, livro que, [...] é a reconstrução, a partir de notas redigidas por alunos, de três cursos lecionados por Saussure entre 1907 e 1911 na cidade de Genebra [...]. O trabalho foi organizado por dois discípulos, Charles Bally e Albert Sechehaye”. (COSTA, 2011, p. 114). Então, logo após a sua morte, esses discípulos de Saussure resolveram reunir as anotações que eles próprios faziam em sala de aula para publicar. O *Curso* conheceu a sua primeira edição em 1916, em francês.

Saussure no *Curso*, propôs a dicotomia língua/fala que definiu o objeto de estudo da Linguística e foi uma das características mais marcantes do estruturalismo. Com relação a linguística saussuriana, é correto afirma que:

“[...] o sujeito, [...] ora é idealizado, ora é um sujeito falante, apreendido em um contexto social imediato. Para o sujeito idealizado (ideal e não real), trabalha-se com uma concepção de língua como algo abstrato, um dispositivo que o sujeito, nesse caso indivíduo, poderá apreender e, conseqüentemente, tornar-se usuário. Em relação ao contexto imediato, compreendido como momento e local específico em que se dá a comunicação, ou seja, em que ocorre o uso de uma língua determinada, destaca-se, por exemplo, a organização e estruturação do diálogo, o maior ou menor grau de obediência à gramática padrão em conformidade com cada contexto, etc., sendo que o contexto, inclusive, pode determinar as formas do dizer.” (FERNANDES, 2008, p.25).

Estudar a fala, para Saussure, era bastante complexo porque envolvia questões particulares de cada falante, uma vez que cada indivíduo tem a sua maneira de falar e utilizar a língua. Além da própria variabilidade linguística. E, talvez em decorrência disso, resolveu centrar-se no estudo da

língua que era mais geral, e com fins normativos ditava como a língua deveria ser, excluindo a ideia de evolução as quais todas as línguas estão submetidas.

Por um lado essa separação proposta por Saussure teve sua importância histórica para o estabelecimento da Linguística como ciência, que se caracteriza pela necessária definição de um objeto sistematizável, conforme paradigma de ciência vigente então. (SOUZA, 2006, p. 26)

Essa divisão proposta pela Linguística modificou os caminhos dos estudos linguísticos e ajudou a Linguística a conquistar o seu *status* de ciência, pois era necessário que toda e qualquer ciência antes de conquistar tal *status*, tivesse um objeto de estudo definido. No caso da Linguística esse objeto de estudo era a língua.

Entretanto, posteriormente a isso, percebeu-se que a língua está em constante processo de evolução e é bastante diversificada quanto a maneira de ser utilizada pelos falantes. Logo, aquela ideia de língua como algo imutável já não era mais compatível cientificamente.

Por outro lado, até hoje a separação da língua enquanto sistema e da língua enquanto uso traz consequência para os estudos da linguagem e, mais especificamente para o ensino da linguagem. A crença na língua objetiva e abstrata reflete práticas pedagógicas que afastam e evitam as variantes não-padrão da língua como não sendo língua, numa clara política excludente com graves efeitos identitários e sociais. (SOUZA, 2006, p.26).

Essa idealização em torno da língua, como um ideal a ser seguido tem consequências atuais, principalmente no que se refere ao ensino de língua materna. Isso ocorre devido a valorização exacerbada da língua padrão, em detrimento das variantes não-padrão, o que exclui qualquer variação em torno da língua. E é Bakhtin quem vai tecer críticas a Saussure.

Mikhail Bakhtin era um importante estudioso da literatura. Suas obras eram voltadas para a poética de Dostoiévski e de Rabelais. Bakhtin recusava-se a ficar no plano da fraseologia muito comum naquela época e lutava contra os dogmas impostos aos escritores da época. Mais com relação a Saussure e a sua tão conhecida dicotomia, Bakhtin logo se posicionou a respeito e criticou a separação proposta por Saussure.

As críticas a essa separação não são atuais e se iniciaram na própria contemporaneidade de Saussure. É Mikhail Bakhtin quem vem levantar não só a impossibilidade de separar a língua e fala, como também vem apontar que trabalhar somente com uma ou outra ponta da dicotomia é deixar de fora o caráter dialético da linguagem. (SOUZA, 2006, p. 26).

Esse caráter dialético da linguagem consiste na ideia de que a língua dialoga, por isso

dialético, com a fala; ou seja, a língua para se constituir precisa da fala. A primeira só evolui se a segunda estiver viva. A fala é dinâmica, mutante e sempre está em processo de construção. Tudo isso contribui para as mudanças na língua.

Além dessas críticas a Saussure, Bakhtin propôs uma diferenciação com relação a noção de enunciado e de enunciação, principalmente quando ele colocou o contexto como parte integrante na produção de sentidos.

Ao pôr o contexto como parte integrante da produção dos sentidos, Bakhtin igualmente promove as condições de produção a elementos fundantes da língua. Para Bakhtin, o enunciado é a língua. Quando o enunciado é posto no mundo, ele se une às condições em que foi produzido, recebendo o status de enunciação. Se o enunciado pode ser repetir, por seu caráter linguístico, a enunciação nunca se repete, por seu caráter contingente, social e histórico: o contexto nunca é o mesmo. (SOUZA, 2006, p.31).

Resumindo, quando falamos emitimos signos que irão se juntar as condições em que foram produzidos, para formar o se chama de enunciação. O enunciado é a língua que utilizamos para nos comunicarmos; enquanto, a enunciação é como se fosse a união desse enunciado com as condições em que foi produzido, para a partir daí formar sentidos. Conforme foi dito por Souza, o enunciado, por ser a língua, pode se repetir; porém, o mesmo não acontece com a enunciação porque o contexto de produção nunca é o mesmo, sempre está mudando.

Em suma, Saussure deu importantes contribuições para o que viria a ser chamado de ciência da linguagem, e foi ainda o pioneiro na organização estrutural da linguagem. Depois disso, a partir dos anos de 1970, surgem e se consolidam diversas correntes originárias da Linguística, portanto tributárias a Saussure, tais como: teorias enunciativas, pragmáticas, textuais e discursivas. Essas correntes analisavam a língua, mas sob óticas diferentes.

2.4 – Psicanálise

A influência da Psicanálise freudiana, e depois com as releituras por parte de Lacan, teve um papel primordial para a mudança no conceito de sujeito. Porque foi a partir daí que foi abandonada a ideia de que o sujeito era o produtor do próprio seu discurso, ocasionando assim em um surgimento de um novo sujeito, muito mais complexo, chamado de sujeito discursivo.

“[...] a noção de sujeito discursivo [...] para a Análise do Discurso, não focaliza o indivíduo

falante, compreendido como sujeito empírico, ou seja, como alguém que tem uma existência individualizada no mundo. Importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórica e ideologicamente marcado; um sujeito que não é homogêneo, e sim heterogêneo, constituído por um conjunto de diferentes vozes.” (FERNANDES, 2008, p.8-9).

O sujeito é heterogêneo porque na sua voz outras vozes habitam em seu discurso. Isso se dá em decorrência do fato de o sujeito conviver em diferentes segmentos sociais, o que marcará a heterogeneidade desse sujeito. O sujeito se constitui em relação ao múltiplos fragmentos do Outro. O sujeito discursivo é heterogêneo, constitui-se pela relação que estabelece com o outro, pelas interações em diferentes lugares na sociedade, e, com o Outro, que se materializa na linguagem e mostra o sujeito em um lugar desconhecido para si. (Fernandes, 2008, p.32).

Pelo fato de estar influenciado por diferentes segmentos sociais, o sujeito se constitui na relação que estabelece com o outro e vice-versa. O inconsciente é “[...] o lugar desconhecido, estranho, de onde emana o discurso do pai, da família, da lei, enfim, do Outro e em relação ao qual o sujeito se define, ganha identidade” (Mussalim & Bentes, 2009, p.107). Portanto, o sujeito vai se representar quando estiver utilizando o discurso do pai, da família, de amigos e etc. O discurso do sujeito sempre estará sendo atravessado pelo discurso do Outro, embora não perceba isso.

Essa contribuição da Psicanálise no deslocamento do sujeito se deu em cima “[...] da descoberta do inconsciente, segundo Lacan, o conceito de sujeito sofre uma alteração substancial, pois seu estatuto de entidade homogênea passa a ser questionado diante da concepção lacaniana de sujeito clivado, dividido entre o consciente e o inconsciente”. (Mussalim & Bentes, 2009, p.107).

Esse viés psicanalítico revela um olhar sobre o inconsciente, sempre em atuação por meio da linguagem. O inconsciente, conforme expôs Freud, são manifestações de natureza psíquica do/no sujeito, que fogem ao âmbito de sua consciência, que não se manifestam de acordo com sua vontade, mas afloram nos sonhos, nos atos falhos, nos lapsos, etc. Assim, o inconsciente, como escape ao controle do sujeito e estruturado em forma de linguagem, conforme assevera Lacan, dá espaço à manifestação do desejo. Os lapsos, por exemplo, provocam sentidos contrários ao que o sujeito discursivo gostaria de mostrar. (FERNANDES, 2008, p.30).

O sujeito discursivo por ter acesso muito débil ao inconsciente, deixa transparecer muitos de seus desejos que estão escondidos, lá no próprio inconsciente e que nem ele mesmo sabia que estavam lá, mas que são coisas que ele, enquanto sujeito discursivo, prefere e tenta esconder.

Porém, o inconsciente sempre tentará tomar uma forma verbal e é aí que entra os lapsos. Os lapsos, provocam sentidos muitas vezes contrários ao que o sujeito gostaria que tomasse. Por isso, é comum ouvirmos expressões, como: “não foi isso que eu quis dizer” ou então “nossa, falei mais do que devia”. Nesse caso, o sujeito tem a ilusão de controlar o que diz e o que foi dito.

Esse fato nos remete a dois tipos de esquecimento. O primeiro deles é o esquecimento número 2 que “refere-se à ilusão que o sujeito tem de controlar o que diz, de ser a fonte, a origem do seu dizer; Já pelo esquecimento número 1, o sujeito tem a ilusão de controlar os sentidos de seus dizeres”. (Fernandes, 2008, p.30-31).

Essa contribuição da psicanálise para a AD ajudou a mudar os rumos dos estudos discursivos porque passou-se a acreditar que o sujeito não era mais o produtor do seu próprio discurso, como antes se acreditava, mas sim divulgador de outros discursos que estão em constante circulação na vida social.

Orlandi (2010) também faz uma abordagem a respeito desses esquecimentos, porém de uma maneira mais profunda. No esquecimento número dois, por exemplo, a autora afirma que ele está presente na ordem da enunciação porque quando falamos, o fazemos de uma maneira e não de outra. E no decorrer do nosso dizer, vão se formando famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro. Esse esquecimento produz em nós a realidade do pensamento. Essa impressão, denominada de ilusão referencial, está relacionada com a ideia de uma relação direta existente entre linguagem, pensamento e mundo. Com isso, achamos que aquilo que nós queremos dizer só pode ser dito com aquelas palavras e não com outras.

Orlandi afirma que esse esquecimento presente no sujeito é parcial, semi-consciente porque muitas vezes voltamos a ele para melhor especificar o que dissemos. Esse esquecimento é chamado de esquecimento enunciativo, portanto o modo de dizer não é indiferente aos sentidos.

Com relação ao esquecimento número um, a autora dá uma outra nomenclatura que também é utilizada, chamada de esquecimento ideológico. Esse esquecimento é resultado da instância do inconsciente e também pela maneira qual fomos afetados pela ideologia. É nesse esquecimento que

temos a ilusão de ser a origem do nosso dizer, porque na verdade nós somente retomamos aos sentidos preexistentes.

Esses sentidos, segundo a autora supracitada, se apresentam como se originassem em nós, mas na verdade eles não são determinados por nós, enquanto sujeito do discurso, nos inserimos na história e a na língua, e é por isso que os sentidos significam, a revelia não pela nossa vontade.

A ilusão, disse a autora, não pode ser encarada como defeito, porque eles são uma necessidade para que a linguagem funcione no sujeito e também na produção de sentidos. Esse sujeito “esquece” o que já foi dito, e isso não acontece de maneira voluntária, para a partir daí os sujeitos se identificarem com o que dizem e depois se constituir enquanto sujeitos.

É assim, que segundo a autora, as palavras adquirem sentido. O sujeito busca palavras já existentes como se elas se originassem nele. Logo, sujeito e sentido estão sempre em movimento, significando e muitas vezes e de diferentes maneiras.

Em análise do discurso, como veremos a seguir, não se considera o sujeito como sendo produtor de seu próprio discurso. Além disso, esse sujeito foi tirado da posição central para ocupar posições ínfimas. A esse respeito Souza descreve que:

Tal como o marxismo e o freudismo, o Estruturalismo diminui a importância do que é singular, subjetivo, individual, retratando a pessoa humana como resultante de uma construção, como sendo a consequência de sistemas impessoais (no marxismo o indivíduo é marionete do sistema capitalista; na psicanálise, se bem que amparado no Ego, ele é regido pelos impulsos do inconsciente; e na antropologia estrutural pelas relações de parentesco determinadas pelo totemismo). (2006, p.31-32).

Portanto, essa exclusão do sujeito não se deu somente no âmbito da Linguística, da Psicanálise ou do Marxismo. Essa tendência foi geral. O sujeito, por exemplo, que foi durante muito tempo tido como um ser majoritário e que chegou até ser considerado como o centro do universo com a teoria antropocêntrica, fora destituído desse lugar maior para ocupar posições de coadjuvantes no cenário de várias ciências.

No marxismo o sujeito é tido como um brinquedo do monstruoso sistema capitalista. Já na psicanálise, o sujeito é amparado pelo Ego e suas atitudes são regidas pelo inconsciente. A Linguística selecionou a língua para definir o seu objeto de estudo e conquistar o *status* de

ciência, essa seleção provocou a exclusão da fala dos seus interesses científicos, logo, exclusão dos falantes. E, por último, a antropologia estrutural que afirma ser pelas relações de totemismo que se baseavam as relações de parentesco. Em suma, “[...] o sujeito não é o senhor de sua vontade; ou temos um sujeito que sofre as coerções de uma formação ideológica e discursiva, ou temos um sujeito submetido à sua própria natureza inconsciente.” (Mussalim & Bentes, 2009, p.134).

2.5 – Marxismo

Nas Ciências Sociais, o maior destaque é Karl Marx. Sendo um dos que, embora indiretamente, contribuíram para a constituição da AD. Os estudos de Marx estavam voltados para o social, procurando entender as relações capitalistas que envolviam o sujeito. Marx é o criador do materialismo histórico. Esse materialismo, consiste no que:

“[...] há um real da história de tal forma que o homem faz história mas esta também não lhe é transparente. Daí, conjugando a língua com a história na produção de sentidos, esses estudos do discurso trabalham o que vai-se chamar a forma material (não abstrata como a da Linguística) que é a forma encarnada na história para produzir sentidos: esta forma é portanto linguístico-histórica.” (ORLANDI, 2010:19)

O sujeito ainda é constituído tanto pela língua quanto pela história. Porém, o sujeito não se dá conta de que ao usar a língua como meio de comunicação ele também está fazendo história ao mesmo tempo que é afetado por ela. E ele não consegue controlar essa influência vinda tanto do real da língua como o do real da história, sendo guiado pela ideologia e pelo inconsciente.

Posteriormente será descrito como ocorre essa afetação do sujeito pelo real da língua e pelo real da história, quando trataremos das faixas em um campus universitário. Os sujeitos que produziram a faixa com fundo preto e dizia: “Vote sem medo”. É possível que os sujeitos em questão não produziram essa faixa com um sentido proposital, mas os seus gestos de interpretação presentes no ato simbólico e que intervêm no real da língua, mostraram que eles mesmo que contra sua vontade, acabaram movimentando os sentidos do medo, da ameaça. Isso ocorre porque esses sujeitos são afetados tanto pela língua como pela história.

A língua está presente porque é o veículo pela qual os sujeitos se comunicam. Já a história, aqui está relacionada com as cores que foram utilizadas nas faixas, tanto branca com preta. A cor

negra, conforme já foi dito, está relacionado ao fascismo, à direita, e o vermelho está ligado ao comunismo, à esquerda. Todos esses elementos estão presentes no imaginário desses sujeitos, embora eles nem se deem conta disso. É, em decorrência disso, que não se pode estudar a língua desvinculada da história. Conforme se pode perceber, a língua e a história estão relacionadas com o sujeito. Vale ressaltar que foi justamente esse sujeito histórico que foi tirado da Linguística, após a elaboração da dicotomia saussuriana.

2.6 – Sentido

Um outro conceito de Análise do Discurso que nos ajuda a entender um pouco do que essa ciência trabalha é com relação ao sentidos. Posteriormente, veremos que as palavras além de possuírem sentidos que ultrapassam os significados que são dados pelos dicionários, ainda podem mudar de acordo com a formação discursiva nas quais são empregadas. E com relação a essa noção de sentido, Orlandi afirma que:

A questão do sentido torna-se a questão da própria materialidade do texto, de seu funcionamento, de sua historicidade, dos mecanismos dos processos de significação. A Análise é a disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica, trabalhando a opacidade do texto vendo nesta opacidade a presença do político, do simbólico, do ideológico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: inscrição da língua na história para que ela se signifique. (2001, p.21).

Essa questão do sentido que a Análise do Discurso trabalha, segundo Orlandi, ultrapassa os sentidos expostos pelo texto para se constituir além desse texto. É a partir daí, que entra a AD buscando entender que por detrás daquele texto opaco, essa opacidade é proposital, há presença de elementos que nos ajudam realmente a compreender quais são os elementos que os constituem, tais como: a presença do político, do simbólico e do ideológico além da relação da língua com a história.

Essa relação da língua com a história acontece porque a língua é o veículo pela qual as comunicações são mantidas pelos falantes. E a participação da história nesse processo consiste na “[...] produção de acontecimentos que significam na maneira como cores como o negro está relacionado ao fascismo, à direita, e o vermelho ao comunismo, à esquerda, segundo o imaginário que afeta os sujeitos em suas posições políticas. (ORLANDI, 2010, p.31).

A presença desses elementos são fundamentais para que os objetivos cheguem ao seu destino final. Para melhor exemplificar isso, dá-se o caso de diversas propagandas que com o intuito de persuadir o maior número de destinatários a comprar um determinado produto se valem de imagens onde residem a maior parte desses elementos já citados.

“A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando [...] os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido” (ORLANDI, 2010, p.26). É nesses gestos de interpretação que está tudo aquilo que o analista precisa saber e que está por detrás do texto e no qual, o analista com os seus dispositivos de análise construídos a partir do texto, deverá ser capaz de descobrir.

Os sentidos para tomar forma é necessário que eles estejam vinculados a um sujeito. Esses sentidos estão presos, de certo modo, a formação ideológica daqueles que a utilizam. Cleudemar Fernandes exemplifica essa questão de sentido, apresentando um exemplo sobre dois léxicos muito recorrentes, principalmente no âmbito midiático. O sentido para a Análise do Discurso é:

“[...] compreendida como um efeito de sentidos entre os sujeitos de interlocução (sujeitos se manifestando por meio do uso da linguagem). Assim, *ocupação* e *invasão*, nos discursos supracitados, vão além de seus significados prescritos nos dicionários. Se observarmos, por exemplo, a significação de *invasão* para ambos os grupos de sujeito (os defensores e os contestadores do Sem-Terra) veremos que invadir tem sentidos diferentes e peculiares para esses sujeitos.” (FERNANDES, 2008, p. 14).

As palavras mais simples e que são utilizadas no nosso dia a dia, por exemplo, ultrapassam o sentido exposto pelo dicionário e passam a ter sentido de acordo com o momento, situação, lugar e espaço em que são pronunciadas. Os sentidos, além de não serem fixos, existirão de acordo com o contexto histórico-social em que são empregados e também de acordo com a formação ideológica daqueles que a utilizam.

Fernandes (2008) expõe, conforme já foi dito, a utilização de dois substantivos como *ocupação* e *invasão* muito utilizada para fazer referência ao movimento de trabalhadores rurais Sem-Terra.

Portanto, o emprego desse léxico “ocupação” caracteriza o apoio ou defesa em relação ao movimento. Enquanto, “invasão” é utilizada por aqueles que condenam o movimento dos Sem-

Terra, acreditando que eles são criminosos, invasores; os participantes desse movimento, por exemplo, utilizam “ocupação” para designar uma terra que não está sendo utilizada e, portanto, desejam utilizá-la. São palavras simples, mas que empregadas em contextos diferentes possuem significados diferentes e demarcarão a posição dos sujeitos em relação aos acontecimentos em questão.

Orlandi (2010), também nos dá um exemplo muito comum em nossas academias, que são as eleições universitárias. A autora descreve que, logo na entrada de campus universitário (não especificado), há uma grande faixa preta que diz: “Vote sem medo”, e em seguida há uma breve explicação sobre a não identificação dos votos. E, logo abaixo, o nome de entidades que representam professores e funcionários dessa instituição.

A autora afirma que essa faixa preta traz consigo uma memória, onde o preto representa o fascismo, os conservadores, ou seja, os de “direita”. Já o “sem medo”, apesar de aparentemente apoiarem os eleitores em sua posição, trazem consigo dois possíveis efeitos em apenso. O primeiro deles, consiste em lançar a suspeita sobre algum candidato que possivelmente estaria ameaçando os eleitores que nele não votassem; o outro sentido se dá com relação ao emprego do “medo” sugerindo e deixando em apenso a ideia de medo, ameaça.

Há um outro efeito de sentido, segundo a autora, que também pode atuar nessa faixa, embora de uma maneira mais indireta que é o fato de que se essas entidades assinam algo que produz dois efeitos de sentidos isso significa que elas estão se posicionando contra algum candidato que supostamente ameaçaria os eleitores. Logo, a faixa perde a neutralidade, o que é um princípio ético eleitoral.

Em suma, apesar da faixa se posicionar contra algum possível candidato ela ainda deixa em suspenso os sentidos que mobilizam o medo. Ela argumenta contra o medo, mas no entanto a questão do medo ainda está presente. O que se torna contraditório.

Conforme já foi dito, a análise do discurso vai além da superficialidade do texto e busca informações exterior a esse texto. Para exemplificar isso, ainda com relação a faixa preta em

questão, Orlandi (2010) afirma que aos invés de ficarmos somente no plano das evidências e com isso acabar apenas uma “leitura”, é preciso que analisemos que nessas eleições as posições que estavam em jogo eram todas de esquerda. E com base nisso nos interroga sobre o fato de que se todo mundo é de esquerda, por que então que essas mobilizações podem nos mostrar muitos mais do que elas aparentam?

Para que consigamos a resposta, Orlandi nos propõe que produzamos uma paráfrase dessa faixa. E propõe uma faixa branca escrita em vermelho na qual estaria escrita: “vote com coragem”. Nessa nova faixa outras palavras e cores seriam mobilizadas e produziriam outros efeitos de sentido.

Com justificativa para o uso de tais cores, a autora afirma que o vermelho está ligado a posições revolucionárias e transformadoras; enquanto, o fundo branco faz um apelo à vida, ao futuro e à disposição de luta.

Entendido isso, podemos ver que as faixas possuem sentidos e memórias diferentes. Além das circunstâncias em que foram produzidas que nos remetem que, como já foi dito, a sentidos que não estão só nas palavras ou nos textos, mas estão na exterioridade e, portanto, livres das intenções do sujeito.

Por mais que os sujeitos que elaboraram essa faixa preta, se autodenominassem de esquerda, segundo a autora a posição deles ao adotar a faixa “Vote sem medo!” se alinha aos sentidos da direita e da repressão pela liberdade de votos, onde reside o moralismo embutido nessas acusações nas quais esses sujeitos atribuem acusações a “alguém” como sendo perseguidor, enquanto eles se colocam numa posição de salvadores. Por mais que tudo isso não estivesse no plano de suas intenções, esses sujeitos por serem afetados pela língua e pela história, acabaram produzindo esses sentidos através de seu gestos de interpretação, que como já foi dito, estão no domínio do simbólico e interferem no real do sentido.

Conforme foi explicitado por Orlandi com as faixas, por detrás das formas de um discurso existe um processo de dominação e há uma imagem que está sendo construída, que embora

aparenta ser mas não é neutra, porém que parte de um processo de construção com finalidades que precisam ser desvendadas. Este é o trabalho do analista, dar-se conta no dito e daquilo que não é dito.

E com relação aos textos que são produzidos diariamente na sociedade, assim como o sujeito, não estão livres de ideologia e de conceitos pré-determinados, podem ser textos acadêmicos, cartas para amigos ou familiares, *e-mails*, placas de protesto, jornais, em todos esses meios os signos que usamos estão carregados de conceitos que foram formulados ao longo da história e estão na nossa memória discursiva. Portanto, não temos o total controle sobre o que escrevemos, produzimos e significamos, por isso o analista de discurso tem como objetivo desvendar os sentidos que são produzidos no dito e no não-dito, porque o silêncio também significa, como ratifica Eni.

Os dizeres não são, [...] apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem que aprender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos (...). Esses sentidos tem a ver com o que é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. (ORLANDI, 2003, p.30).

Com relação ao que poderia ser dito mas não foi, veremos posteriormente que essa relação do dito e do não-dito tem a ver com a formação discursiva nas quais as palavras são empregadas para a partir daí se constituírem semanticamente.

2.7 – Subjetividade

Em “[...] Análise do Discurso, a subjetividade também é vista da exterioridade, é uma construção histórica sob determinadas condições, e se dá na relação com o discurso”. (Fernandes, 2008, p.33). Conforme já foi dito, a Psicanálise contribuiu significativamente para a constituição da AD enquanto ciência. E a com relação a noção de subjetividade não seria diferente, porque esse sujeito não é visto pela ótica da interioridade na qual o sujeito mantém uma relação consigo mesmo, conforme até sugere o nome subjetividade, mas consiste num sujeito que é apreendido socialmente e que terá o seu discurso fundamentado no discurso do outro, além de ser influenciado pela língua e também pela História. Em suma, a exterioridade do sujeito está no seu interior, porque em seu discurso está o “outro”, compreendido como exterioridade social.

2.8 – Heterogeneidade

Já com relação ao conceito de heterogeneidade, Fernandes baseado nas afirmações da linguista Jacqueline Authier-Revuz, a define heterogeneidade como sendo:

“[...] formas de presença no discurso das diferentes vozes constitutivas do sujeito. Heterogeneidade não-mostrada (presença implícita de outras vozes constitutivas da voz do sujeito) e heterogeneidade mostrada (presença explícita de outras vozes, marcadas, na voz do sujeito)” (2008, p. 35).

Portanto, como já foi dito, o sujeito discursivo é heterogêneo. E além de estabelecer relações com o outro e interagir com diferentes segmentos sociais, tudo isso está presente em seu discurso de forma implícita ou explicitamente.

“[...] a heterogeneidade constitutiva como condição de existência dos discursos e dos sujeitos, uma vez que todo discurso resulta do entrelaçamento de diferentes discursos dispersos no meio social. O sujeito constitui-se pela interação social estabelecida com diferentes sujeitos. A Segunda forma de heterogeneidade é a mostrada. Nesse caso, a voz do outro se apresenta de forma explícita no discurso do sujeito e pode ser identificada na materialidade linguística.” (FERNANDES, 2008, p.28).

A heterogeneidade constitutiva nos remete à noção de interdiscurso, no qual há entrelaçamento de diferentes discursos dentro de uma só formação discursiva. E nos remete também a noção de identidade e também é dada pela psicanálise com relação ao sujeito, no qual esse sujeito se constitui na relação com o outro. Ou seja, o sujeito se constitui nos inúmeros fragmentos do outro. Na segunda forma de heterogeneidade, o sujeito utiliza de forma explícita, num texto por exemplo, o discurso do outro. Esse recurso pode se dar pelo uso de aspas, parênteses ou até pelo uso de ironia.

2.9 – Identidade

Antes de chegarmos ao conceito de identidade propriamente dito, é necessário que entendamos a formação do sujeito no discurso para a AD. “[...] o sujeito é produzido no interior dos discursos e sua identidade é resultante das posições do sujeito nos discursos”. (Fernandes, 2008, p.32).

Fernandes (2008) nos leva a compreender que a identidade é plural e fragmentada. Ele afirma ainda, que a identidade é fruto das novas relações sociopolíticas na sociedade e é inacabada por não esgotarem as transformações sociais que sofre.

Segundo o autor, a noção de identidade é algo que está sendo bastante discutido por filósofos e sociólogos nos chamados de estudos culturais pós-modernos, dentre eles: Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Zygmunt Bauman entre outros. Eles caracterizam a identidade como sendo algo de caráter transitório, mutante e decorrente da perda de estabilidade e fixidez, o sujeito passa a ser deslocado, descentrado e constituído pelas relações discursivas.

O sujeito possui a identidade plural e fragmentada porque o mesmo se constitui discursivamente em relação aos múltiplos fragmentos do outro. Portanto, o sujeito além de estar deslocado do seu espaço sociocultural ele também estar deslocado de si mesmo. Isso nos ajuda a entender porque que a identidade do sujeito é plural.

Há um outro ponto muito curioso a respeito da identidade. Essa identidade, podemos considerá-la como a mola propulsora das grandes mobilizações e transformações sociais, conforme atesta Ponzio (2011):

A ideologia dominante fundamenta-se, e está presente, na categoria da identidade e está presente não apenas nos projetos que tendem a conservar e reproduzir as atuais relações sociais, mas também nos que se propõem a modificá-las ou substituí-las. O domínio da identidade é tamanho que toda forma de reivindicação se baseia na identificação: ter os mesmos direitos dos que mandam, as mesmas oportunidades, a idêntica vida, a idêntica felicidade de quem ostenta o poder. (p. 12).

A identidade é baseada na aspiração dos que estão fora do poder e que desejam ter as mesmas condições de quem está no poder ou de quem tenha recursos financeiros vastos. Essa vontade de se identificar é tamanha que afeta até mesmo as camadas mais humildes da sociedade, a maioria das pessoas preferem comprar, por exemplo, uma determinada roupa porque o seu artista preferido usou; ou aderir ao mesmo corte de cabelo que o seu jogador de futebol, ou atriz predileta estava utilizando em um determinado evento.

2.10 – Formação discursiva

Conforme já foi dito, nos discursos do sujeito habitam outros discursos que muitas vezes não se coadunam devido as influências de diferentes setores e classes sociais. Portanto, o sujeito é extremamente heterogêneo e polifônico.

Um outro conceito que abarca a heterogeneidade e a polifonia, chamada de formação

discursiva. Com relação a formação discursiva, Fernandes (2008):

“[...] refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realizado a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica.” (p.48-49).

A formação discursiva refere-se ao que pode ser dito e ao que não pode ser dito. E as condições desse dito estão relacionadas a uma determinada época e espaço social, possibilitando assim a sua existência. Segundo Helena Brandão

“[...] a noção de história é fundamental, pois, porque marcado espacial e temporalmente, o sujeito é essencialmente histórico. E porque sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, à concepção de um sujeito histórico articula-se outra noção fundamental: a de um sujeito ideológico. Sua fala é recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social. Dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo). Nesse sentido, questiona-se aquela concepção do sujeito enquanto ser único, central, origem e fonte de sentido, formulado inicialmente por Benveniste, porque na sua fala outras vozes também falam.” (2004, p.59).

Fernandes nos dá uma contribuição para que entendamos noção de interdiscurso como sendo “[...] toda formação discursiva apresenta, em seu interior, a presença de diferentes discursos, ao que, na Análise do Discurso, denomina-se **interdiscurso** [grifo do autor]”. Comparemos a formação discursiva a uma enorme caixa, na qual residem uma variedade de objetos. Esses objetos equivalem a formação discursiva na qual há uma infinidade de discursos que ora se juntam, ora se contrapõem.

Um exemplo que foi dado pelo autor, foi a respeito da palavra “ocupação” e “invasão”. A utilização em detrimento de outra, marcará o apoio ou a negação em relação ao movimento dos Sem-Terra. Colocando tudo isso num plano maior, temos dentro dessa formação discursiva a presença de discursos que apoiam e outros que negam esses movimento. Como é característico de toda formação discursiva, há diferentes discursos com relação a um mesmo tema. Esses discursos se contradizem, se contrapõem uns aos outros.

2.11 – Formação ideológica

A formação ideológica está de acordo com “[...] É segundo as posições dos sujeitos que os sentidos se manifestam, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se

inscrevem” (Fernandes, 2008, p.49).

A formação ideológica marcará a posição dos sujeitos dentro de uma formação discursiva. Logo, é nessa formação ideológica que podemos encontrar sujeitos com diferentes opiniões a respeito sobre o mesmo tema. No exemplo dado por Fernandes (2008) com relação os léxicos “ocupação” e “invasão”, revela que a formação ideológica na qual esses sujeitos estão inclusos. Se utilizam o primeiro (ocupação), eles estão se posicionando a favor ou simplesmente apoiam o movimento Sem-Terra; porém, se os mesmos utilizarem o segundo léxico (invasão) isso certamente revelará que eles estão se colocando contra o movimento em questão.

Nesse movimento dos Sem-Terra é notório diferentes opiniões sobre esse assuntos. Alguns consideram esses trabalhadores como sendo invasores e outros os classificam como sendo trabalhadores que procuram um terreno no qual possam utilizá-lo para a própria sobrevivência, ou até mesmo visando algum fim lucrativo. Retornando a ideia de formação discursiva e ideológica, temos com formação discursiva o tema Terra, e sobre esse assunto diversos sujeitos que apoiados em outros discursos, se posicionarão contra o a favor. Esse fato demonstra formações ideológicas diferentes dentro de uma mesma formação discursiva.

2.12 – Ideologia

E tem por objetivo observar não somente o que o texto quer dizer, mas como ele funciona.

Conforme atesta Souza (2006):

A Linguística tem como seu objeto de estudo a língua, considerando a ideologia como sendo algo não desejável em sua ordem. As Ciências Sociais, por sua vez, concentram-se em trabalhar as relações sociais a partir de confrontos ideológicos – com suas várias concepções internas de ideologia derivando para as diferentes abordagens dentro desse campo -, relegando a língua a um papel coadjuvante. (p.15).

A Análise do Discurso além de abordar questões relativas a língua ela também se preocupa com a ideologia durante o processo discursivo. Mais afinal o que a análise do discurso entende por ideologia?

“[...] uma concepção de mundo do sujeito inscrito em determinado grupo social em uma circunstância histórica. Linguagem e ideologia são vinculadas, esta se materializa naquela. Ideologia é inerente ao signo em geral. Sendo assim, diante de toda e qualquer palavra enunciada, procuraremos verificar qual (ou quais) ideologia(s) a integram.” (FERNANDES, 2008, p.21).

A ideologia está presente em tudo o que é enunciado. Os dizeres possuem efeitos de sentidos e foram produzidos com determinadas finalidades. Até as mais palavras simples do dia a dia estão carregadas de sentido, que no entanto não sabemos de onde surgiram mas significam bastante para nós enquanto sujeitos.

“[...] os analistas do discurso procuram estabelecer entre um discurso e suas condições de produção, ou seja, entre um discurso e suas condições sociais e históricas que permitiram que ele fosse produzido e gerasse determinados efeitos de sentidos e não outro”. (MUSSALIM & BENTES, 2009, p.112).

Nesse caso, o analista do discurso procurar entender o discurso baseado nas condições em que ele fora produzido. Procurando entender o motivo de certas reações, por partes de leitores, de um determinado grupo social e tentando entender se há a mesma reação em outro grupo social. Se há uma reação diferente, o analista procura entender o motivo se esse fato está ligado, por exemplo, a questão cultural.

No que tange ao conceito de ideologia, Souza nos informa historicamente sobre a primeira utilização dessa palavra:

A palavra ideologia foi utilizada pela primeira vez por Destutt da Tracy, filósofo francês líder dos ideólogos. Tracy, em seu livro de 1801, *Éléments d'idéologie*, afirma que as ações dependem do conhecimento para serem levadas a efeito. O conhecimento seria feito de idéias, sendo necessário, portanto, decompor essas idéias para poder entendê-las e assim agir. A ideologia seria essa ciência das ideias. (2006, p.46).

O termo “ideologia” foi utilizado pela primeira vez por Tracy. Ele afirmava que as ações dependiam do conhecimento para poder serem levadas a efeito. Esse conhecimento seria proveniente das ideias, sendo necessário decompor as ideias, entender essas ideias para poder, a partir daí, agir. Em suma, a palavra ideologia seria a “Ciência das Ideias”.

Segundo Souza (2006) o erro histórico que os ideólogos cometeram foi propor uma certa assessoria a Napoleão Bonaparte, que governava a França naquela época. No entanto, o imperador entendeu que esses ideólogos queriam ensiná-lo a governar e se enfureceu com tudo aquilo. Além disso, Napoleão os acusava praticarem uma forte metafísica que muito se lutava contra na época.

“Foi com reação negativa de Napoleão, portanto, que o termo – que nasceu com um sentido positivo – passou a ter acepção asperamente negativa”. (Souza, 2006, p.46). Portanto, ocorreu uma

mudança no sentido dessa palavra devido ao peso ideológico que Napoleão destinava naquela época e não demorou muito para que essa palavra fosse utilizada na fala corrente com essa carga negativa que fora utilizada por Napoleão.

A noção de ideologia não carrega propriamente sentido negativo. Esse sentido negativo aparecerá (e se fixará definitivamente com o marxismo) quando o fenômeno se cristalizar em face do problema de autoridade que, acionando o sistema justificativo da dominação, detona o caráter de distorção e de dissimulação da ideologia. (BRANDÃO, 2004, p.30).

Com relação ao enunciado, Fernandes caracteriza o sujeito numa conjuntura sócio-ideológica-histórica.

A noção de sentidos é dependente da inscrição ideológica da enunciação, do lugar histórico-social de onde se enuncia; logo, envolve os sujeitos em interlocução. De acordo com as posições dos sujeitos envolvidos, a enunciação tem um sentido e não outro(s), conforme exemplificamos referindo-nos ao emprego de *invasão* e *ocupação* em discursos em torno do Sem-Terra. (FERNANDES, 2008, p.19).

Os sentidos que são produzidos pelos sujeitos que estão em interlocução, demonstrando a posição que eles assumem a respeito de um mesmo tema. A partir daí, a enunciação tem um sentido e não outro(s) dependendo das posições e dos espaços socioideológicos específicos as quais os sujeitos envolvidos ocupam nesse processo interacional.

Portanto, a AD não estuda o sujeito como um ser individualizado, um ser empírico; mas sim, “um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro” (Fernandes, 2008, p.24). O discurso desse sujeito revelará o lugar social a que ele pertence, uma vez que um conjunto de outras vozes se mostrarão em seu discurso e exibirão o lugar sócio-histórico presentes.

2.13 – Polifonia

O sujeito para a Análise do Discurso de linha francesa não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos, de discursos em oposição, que se negam e se contradizem. No discurso desse sujeito, a respeito de um mesmo tema, é possível encontrar diferentes discursos presentes em sua fala; e, além disso, há presença de diferentes vozes em uma só voz. A esse respeito denominamos de polifonia.

Inicialmente “A noção de polifonia foi, originalmente, cunhada por Mikhail Bakhtin a partir

de estudos desenvolvidos sobre o romance de Dostoiévski” (Fernandes, 2008, p.26). Os estudos de Bakhtin com relação a linguagem começaram com a literatura. A noção de polifonia foi originada dos estudos que ele fazia em torno do romance de Dostoiévski. Nesse romance Bakhtin procurou entender o discurso na sua forma mais complexa, buscando compreender a estrutura desse discurso e as diversas vozes que compõem essa obra literária.

E nesse estudo que Bakhtin fez no romance de Dostoiévski ele chegou a conclusão que é a “[...] presença dessas diferentes vozes integrantes da voz de um sujeito, na Análise do Discurso, denomina-se polifonia (pela composição dessa palavra, temos: poli = muitos; fonia = vozes)” (Fernandes, 2008:26). A compreensão desse conceito é fundamental para entendermos que o sujeito discursivo e é composto por diferentes discursos, vozes e em decorrência disso ele é polifônico.

3.0 – METODOLOGIA

Este trabalho se dará através da leitura de artigos jornalísticos da mídia impressa de Manaus, publicada durante os anos de 2007 a 2010, durante a semana do dia internacional da mulher. Estaremos trabalhando com o *Jornal do Comércio* e o *Jornal A Crítica*, onde analisaremos a forma de construção da imagem da mulher operária vinculada nessas mídias.

Como suporte metodológico, utilizaremos os procedimentos da Análise do Discurso de linha francesa e a nossa pesquisa será feita com base em uma análise qualitativa.

Os passos metodológicos que seguiremos, são: formulação das questões iniciais de pesquisa, escolha dos textos a serem analisados, leitura cética e interrogativa dos textos, codificação das marcas discursivas, análise (Exame da regularidade e variabilidade dos dados, criação de hipóteses e tentativas de paráfrases), Teste da fidedignidade e validade e, por último, a descrição minuciosa dos resultados que foram obtidos durante a elaboração da pesquisa.

Durante a elaboração do trabalho foram encontradas algumas dificuldades referentes a coleta dos jornais. A priori, conseguimos coletar somente o *Jornal A Crítica* do dia 8 de março do ano de 2007, faltando os demais jornais. A partir daí as bibliotecas do Centro da cidade de Manaus, talvez

pela maioria estarem em prédios antigos, fecharam para reformas por tempo indeterminado. Nem mesmo o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA) estava funcionando. Não havendo outra alternativa tivemos que recorrer aos próprios jornais para coletar o material necessário.

Os jornais do Comércio foi obtido na próprio jornal do Comércio, no qual tivemos ajuda do senhor Sócrates Bonfim Neto (Diretor), que nos disponibilizou os jornais em versão digital gratuitamente. E com relação ao Dia Internacional era comum sair no mesmo dia uma edição referente à dois dias como, por exemplo: 7 e 8, ou 8 e 9. Portanto, não há uma edição específica para o dia 8 de março.

No jornal *A Crítica* houve um pouco mais de dificuldade, pois havia um dia específico para obter os jornais necessários à pesquisa. Foi necessário então, entrar em contato com o jornal e perguntar o dia em que o computador estaria liberado para que pudesse ser feita a pesquisa. Todos os jornais estavam guardados digitalmente e cada ano saiu no valor R\$ 5 (cinco reais), o que totalizou R\$ 20 (vinte reais). Estas foram algumas das dificuldades enfrentadas durante a realização deste trabalho.

4.0 - ANÁLISES

Sobre a história do Dia Internacional, o jornal *A Crítica* afirma que: “No dia 8 de março de 1857, donos de uma fábrica têxtil em Nova York, insatisfeitos com a greve das funcionárias, trancaram as grevistas e colocaram fogo no prédio. Todas morreram queimadas e a data foi transformada em Dia Internacional da Mulher”. (Cidades, 8 de março de 2007).

Segundo o jornal *A Crítica* a história do dia 8 de março surgiu de uma greve de funcionárias que foram trancadas pelos donos da fábrica e em seguida eles puseram fogo no prédios, matando todas as grevistas. Contudo, o jornal omite o passado de lutas do movimento das mulheres para dar lugar à versão mais conhecida sobre o Dia Internacional reforçando o discurso que foi construído ao longo dos anos em torno do Dia Internacional da Mulher.

González afirma sobre o Dia Internacional:

“[...] ouvimos, e repetimos, que a origem do 8 de Março está vinculada a um incêndio que causou a morte de uma centena de operárias...! Um incêndio que de fato existiu, acontecimento trágico e marcante na história do movimento operário dos Estados Unidos, mas cuja história não se vincula à proposição de um dia de lutas das mulheres e, tampouco, à definição da data de sua comemoração.” (2010, p.15).

“A tentativa de desvendar essa história não é uma iniciativa inédita, a própria autora esclarece. O estudo pioneiro de Renée Côté, publicado em 1984 no Quebec, Canadá, inspirou indagações e a pesquisa da história” (González, 2010, p.16). Portanto, houve uma confusão nas datas que há muito vem sendo discutidas principalmente pela historiadora canadense Côté. O incêndio realmente aconteceu e infelizmente eram bastante comum nos Estados Unidos na passagem do século XIX para o século XX, mas ele não foi a causa pela qual se estabeleceu um dia de lutas para as mulheres.

González afirma também que em torno do Dia Internacional criou-se um mito e uma confusão de datas surgiu. Segundo algumas versões o incêndio que supostamente teria dado origem ao Dia Internacional tinha ocorrido no dia 8 de março de 1857; enquanto as outras versões afirmam ter ocorrido também no dia 8 de março, mas desta vez no ano de 1908.

Entretanto, conforme atesta González, não havia possibilidade de um movimento grevista ter ocorrido no dia 8 de março de 1908 porque era um domingo. Ela afirma que realmente houve um incêndio, mas no dia 25 do mês de março, em uma fábrica chamada The Triangle Shirtwaist Company e estava localizada no Lower East Side, região sudeste de Nova York.

Na reportagem do dia 7 e 8 de março de 2008, que saiu no mesmo dia, no suporte de Negócios & Serviços na página B3, o *Jornal do Comércio* entrevistou representantes de entidades e profissionais liberais que avaliaram a participação da mulher no mercado de trabalho como sendo positiva.

O que inicialmente chama a atenção é o fato de o jornal ter escolhido mulheres de alto poder aquisitivo e/ou possuem algum cargo importante em determinada empresa. Mas por que não colocaram uma operária para falar sobre o Dia Internacional? Ela não representa a ideia da mulher atual que trabalha, cuida da casa, dos filhos? Não, porque as operárias não transmitem o ideal de

sucesso que o jornal deseja transmitir aos seus leitores, elas têm um longo caminho até o sucesso profissional, enquanto a escolha de pessoas bem sucedidas já transmite por si só essa ideia que o jornal deseja passar.

Vale destacar que o *Jornal do Comércio* tem um público diferente com relação ao *Jornal A Crítica*. O primeiro se dirige ao ramo empresarial e comercial; enquanto o segundo se dirige as grandes massas da sociedade manauense. A partir daí, pode-se entender o motivo que faz com que o *Jornal do Comércio* reforce o discurso de mulheres bem-sucedidas e que já obtiveram sucesso na carreira profissional; enquanto o jornal *A Crítica* retrata as mulheres em suas múltiplas tarefas, como trabalhar e ao mesmo tempo cuidar da casa, dos filhos e etc.

Uma das entrevistadas para falar sobre o Dia Internacional da Mulher, foi Grace Zamperlin presidente da BPW- Manaus (Business and Professional Women, ou Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais) e destaca que:

Extinta idéia de sexo frágil dá lugar a mulheres que conquistam espaços

As mulheres continuam recebendo menos do que os homens, segundo Grace, mesmo quando ocupam cargos semelhantes. Na capital amazonense, essa diferença na remuneração pode chegar a 40% em alguns casos. “Há dados que indicam que as mulheres têm muito o que comemorar, mas nem tudo já aconteceu aqui no Brasil”, comentou. (JORNAL DO COMÉRCIO, 7 e 8 de março, 2008)

Neste trecho é possível notar certa imprecisão no discurso da executiva. Que mulheres são essas que continuam recebendo menos do que os homens? Que cargos semelhantes são esses? A imprecisão se repete quando ela afirma que: “Há dados que indicam que as mulheres têm muito o que comemorar, mas nem tudo já aconteceu aqui no Brasil”.

Ela não diz que dados são esses e muito menos a fonte deles. Quem são essas mulheres e nem o que elas têm a comemorar. Comemorar o quê? Se nem tudo aconteceu no Brasil, supõe-se ter havido um momento em algumas coisas já tenham ocorrido com relação às mulheres. O quê, por exemplo?

No decorrer do discurso da empresária, ela se utiliza de estratégias discursivas nas qual evita abordarem assuntos polêmicos. A imprecisão que está presente no discurso da empresária não se dar de qualquer maneira e tem como base a formação discursiva a qual ela pertence que afirma o que

pode e o que não pode ser dito dentro dessa formação discursiva, remetendo assim ideologia a essa formação discursiva.

Mesmo sendo uma questão recorrente todos os anos quando se fala do Dia Internacional da Mulher, na avaliação da executiva da BPW-Manaus, não há mais necessidade em se falar em preconceito. “Os homens passaram a respeitar mais as mulheres, e hoje se olha para elas com respeito, pois veem que elas fazem a diferença”, comentou. (Ibidem)

No trecho acima é possível notar ainda a imprecisão que em análise do discurso é chamado de efeito de sentido, pois há diferentes formações discursivas estabelecendo diferentes sentidos, principalmente quando a executiva afirma na reportagem que “Os homens passaram a respeitar mais as mulheres”. Mais quem são esses homens e quem são essas mulheres? De forma esses homens olham para essas mulheres? E que diferenças elas fazem?

É consenso entre as entrevistadas que em nível de gestão as mulheres se destacam em função do zelo, cuidado, metodologia e, sobretudo, na ética. “Não vai aqui nenhuma acusação contra os homens, mas nós pensamos duas vezes em fazer algo que possa comprometer nossa imagem”, ressaltou Oreni Braga. (Ibidem)

No trecho acima se percebe que por mais que as mulheres alcancem os espaços no mercado de trabalho, elas sempre serão admiradas por características que representam uma extensão do ambiente doméstico, onde elas ainda continuam presas. Oreni Braga, segundo o jornal é presidente da Amazonastur, o órgão oficial de turismo do Estado.

Neste trecho, percebe-se que a posição-sujeito assumida pela presidente durante a entrevista é baseada em um posicionamento e se legitima a partir de determinado cargo e fala a partir dele, corroborando sua legitimação. Quando a presidente afirma que “Os homens passaram a respeitar mais as mulheres”, logo nos surge uma dúvida. Esses homens só respeitam as mulheres que são superiores a eles? De que mulher o sujeito enunciador está falando? Da mulher operária ou da mulher empresária? Certamente, ela está falando da mulher empresária que conquistou espaços privilegiados e respeitados pela sociedade, que neste caso não se baseia em méritos, mas sim em cargos de chefia.

O sujeito enunciador ao se pronunciar dentro dessa formação discursiva ele destaca um posto de vista que é estritamente o da classe dominante, inserindo-se dentro de uma formação ideológica específica. É possível que a mulher que pertence à classe dominante, como é o caso da

presidente, seja respeitada e tenha os mesmos direitos que os homens; porém, isso pode ser diferente nas camadas mais populares.

Quando a representante da empresa BPW (Business and Professional Women, ou Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais) fala sobre a posição da mulher na sociedade atual, ela também fala a partir de determinado cargo que ocupa assim como Oreni Braga. E nesse cargo as posições de sujeito assumidas por elas durante a entrevista representam as posições de classes que são dominantes na sociedade. Há no discurso dessa representante o silenciamento, o sacrifício de outras vozes no discurso para que somente um impere que neste caso é o da representante que o jornal deseja reforçar. Esse silenciamento não se dá de qualquer forma, ele por si só significa e neste caso representa o ponto de vista da classe dominante.

A sociedade patriarcal ainda em vigência continua a impor “normas” às mulheres que acontecem na maioria das vezes, de maneira sutil na qual a mulher sem que ela perceba vai incorporando ideologias que só lhe submetem aos homens ainda mais. Ideologias essas difíceis de serem quebradas uma vez que foram construídas discursivamente ao longo dos anos sendo reforçadas por aqueles que regem o sistema patriarcal.

No decorrer da entrevista, Grace Zamperlin destaca ainda a atual situação das mulheres.

Contudo, Grace disse acreditar que o momento não é mais de briga entre os sexos, mas de desfrutar das conquistas. “Lutamos muito e mostramos que somos capazes. Está na hora de colher o que foi plantado, pois vivemos em um momento privilegiado”, afirmou a presidente da associação. “O importante é que está sendo garantida a participação feminina no mercado, tirando-as da informalidade”, completou. (Ibidem)

O sujeito feminino enquanto tal se manifesta de várias formas ao longo do discurso jornalístico, afirmando essa posição que se manifesta em enunciador do tipo “vivemos em um momento privilegiado”. Ao dizer “vivemos em um momento privilegiado” é porque houve outro não privilegiado. Ao afirmar o sujeito diz de uma posição que posição é essa? Neste caso trata-se da presidente de uma associação e etc., mas será esta a posição da maioria das mulheres do Estado? Ao afirmar posição de sujeito se diz a partir de uma formação ideológica a qual pertence, o dizer fica legitimado, abrindo o efeito de verdade.

Quando ela diz que “o momento não é mais de briga”, logo se supõe haver outro momento em que houvesse essa “briga”. Que “briga” era essa? Que momento privilegiado é esse e por que ele é privilegiado? Quais são as conquistas que as mulheres podem desfrutar? A empresária deixa vestígios que nos remetem a uma memória social, mas em nenhum momento ela fala abertamente sobre eles, preferindo deixá-los implícitos.

O uso do léxico “briga” dizem muito mais do que o sujeito discursivo deseja mostrar em seu discurso e abre espaços para questionamentos, como: Por que o uso dessa palavra? Por que não a palavra “luta”? Esse termo não seria mais adequado principalmente quando se refere às mulheres que lutaram por reconhecimento e espaço na sociedade. Quando Grace utiliza esse termo “briga”, ela assume uma posição dentro dessa formação discursiva e esse posicionamento vai dizer muito ao seu respeito. Quando a empresária utiliza a palavra briga, por exemplo, ela deixa implícita a ideia de algo que se faz, mas que não é necessário. E isso se confirma quando diz que o momento é de desfrutar conquistas.

Quando o *Jornal do Comércio* afirma que “Grace disse acreditar que o momento não é mais de briga entre os sexos”, pode-se perceber algo como uma arena de lutas, mas que neste tem como protagonistas o dito e o não dito que estão constantemente se confrontando no discurso de Grace. O primeiro deles diz respeito ao uso dos termos “disse” e “acreditar”. Essas palavras possuem um sentido dentro desse texto que ajudam a corroborar a legitimação da empresária. Ou seja, pelo fato de Grace Zamperlin ser a presidente de uma associação relativa às mulheres, as palavras enunciadas por ela assume posição de autoridade pelo fato ser uma representante de um órgão que representa as mulheres, que, aliás, se distinguem muito bem a começar pelo nome da associação, as mulheres de negócios e mulheres profissionais.

Por que o jornal escolheu uma representante dessa associação e não uma mulher operária, uma dona de casa? Uma vez que são elas quem conhece as reais condições pelas quais tem que enfrentar todos os dias. Será que o motivo está no fato de que essa empresária representar a mulher da classe dominante, a qual o jornal se destina? Talvez. Mais o que impera neste caso é a ideia que

sucesso que a empresária transmite.

Elas ganham programas exclusivos

Com iniciativas como acompanhamento nutricional, cursos para pais, suporte online com profissionais especializados, boletins informativos semanais, dentre outras ações, os colaboradores contam com o programa até o primeiro mês após o nascimento. “Nossa atuação se baseia em três pilares de ação, que são a informação para as pessoas, educação e acompanhamento ou monitoramento da gravidez”. Explicou o médico.

Grávida de oito meses, a gerente de contas da Vivo para Amazonas e Roraima, Jordana Sanford, é uma das participantes do programa e considera a iniciativa importante pois faz com que as pessoas se sintam valorizadas. “Não somos apenas um número para a companhia, mas a Maria, a Jordana, enfim, alguém”, afirmou. “Quando eles me ligam, querem saber como está Humberto Neto, que é o meu filho”, completou, observando que para as mulheres a questão salarial tem ficado em segundo plano, ficando atrás dos benefícios oferecidos pelas empresas. (Ibidem)

O texto acima abre muitos questionamentos a respeito de sua significação. Mais o primeiro deles começa pelo título, que o jornal destaca que “Elas ganham programas exclusivos”, mas que no decorrer da matéria somente uma mulher é entrevistada para falar desses programas que a empresa em questão se diz dispor aos seus funcionários.

Porém, se atentarmos para o léxico “ganham” tem-se a abertura para o não dito e que obviamente não está posto na frase, mas que tem conteúdo extremamente ideológico. Nesse não dito podemos ter a ideia de que esses “ganham”, é algo que adquiriu gratuitamente mas que não tinha a obrigatoriedade de ter.

Jordana Sanford afirma que “para as mulheres a questão salarial tem ficado em segundo plano”, ela se coloca na posição de sujeito dominante que possui benefícios financeiros o suficiente e que não necessita de exclusivamente do salário e por isso ele tem ficado para segundo plano, para ela. Será que as outras funcionárias que na hierarquia trabalhista estão abaixo dela também recebem o mesmo benefício que ela?

O sujeito enunciativo está afirmando algo a partir de uma dada formação ideológica. Mas será que as operárias e neste caso as vendedoras pensam da mesma forma? Principalmente aquelas que têm que trabalhar bastante e sempre tentando derrubar os obstáculos presentes em seu dia a dia?

A empresa se coloca como a mãe-protetora, aquela que ama e cuida de seus filhos, que neste caso são os funcionários. A empresa legitima o seu discurso dominador através de ações como essas que foram citadas por Jordana Sanford.

No *Jornal do Comércio*, mas especificamente no Dia Internacional da Mulher, é comum retratarem mulheres bem-sucedidas financeiramente. Mas onde estão as operárias? Por que elas são excluídas e condenadas ao apagamento/silenciamento? Por que não é retratada a imagem dessa mulher que como a maioria busca conciliar, assim como as empresárias, a vida familiar com a profissional sem esquecer-se dela mesma enquanto pessoa?

Segundo Vieira “O silenciamento/apagamento da mulher metalúrgica, no discurso sindical, é um indicador de que as regras da ordem estabelecida, da submissão, estão sendo operadas pela palavra, pela ideologia, com todo vigor” (2002, p.71). Ou seja, todas as formas de dominação são operadas pela a ideologia que nunca se apresentam como algo ruim. Conforme, já foi dito, não tem como fugir da ideologia, pois até as palavras mais simples do cotidiano já estão carregadas de ideologia.

Em outra matéria o *Jornal do Comércio* destaca: “Extinta ideia de sexo frágil dá lugar a mulheres que conquistam espaços”. Nesta frase podemos destacar duas palavras que são peças-chave para que possamos entender algumas coisas e são elas: sexo frágil. Quando o jornal coloca que o sexo frágil não existe mais é porque as mulheres estão conquistando espaços, temos uma abertura para o apagamento da mulher enquanto pessoa para dar lugar a uma mulher mecanicista que não pode ser frágil e sempre tendo que ser rígida e inflexível. Esse é o ideal de mulher que o sistema capitalista tenta criar, pois será ela que trará lucros ao sistema.

Há outro elemento que se faz presente na frase em questão que é a ideia que objetividade que as seguintes palavras passam: “dá lugar a mulheres que conquistam espaços”. Ou seja, tira-se a ideia de mulher frágil para dar lugar à mulher forte que tem como objetivo de conquistar espaços de importância na sociedade.

A sociedade necessita romper com a cultura patriarcal que ainda hoje persiste e começar a se preparar para ascensão da mulher aos postos de trabalho e tentar não masculinizá-las, fazendo com que ela assuma características antes dos homens e que para alcançar cargos relevantes em uma determinada empresa ela tenha que se tornar fria, intransigente para que assim consiga o tao

sonhado sucesso profissional.

E todos esses adjetivos estão presentes no ideal de mulher que o *Jornal do Comércio* deseja transmitir aos seus leitores. Enquanto o jornal *A Crítica* retrata e reforça que o ideal de mulher é aquela que cuida dos afazeres domésticos e também da vida profissional.

O jornal *A Crítica*, por exemplo, coloca em seu corpo editorial a opinião de Mazé Mourão. E em seu discurso é possível perceber que ela consegue transmitir esse ideal de mulher desejado pelo jornal. E falando sobre o dia internacional das mulheres, Mazé resume o que ela acredita ser a situação ideal para as mulheres. O título desse editorial é intitulado: “Nem Amélia nem workaholic”.

Ao enunciar “Nem Amélia nem workaholic”, Mazé nos remete a uma memória discursiva. Ou seja, a “Amélia” da qual Mazé descreve era aquela mulher que aceitava todas as ordens do marido cuidava da casa, dos filhos e viver para o marido e para o(s) filho(s). Mazé Mourão acredita que as mulheres da atualidade não podem ser exclusivamente dona de casa e nem exclusivamente do trabalho, mas sim conciliar as duas funções.

Porém, o que se observar é que apesar de adentrar no mercado de trabalho a mulher ainda está presa aos antigos valores. Ou seja, a mulher pode trabalhar ter uma profissão, mas ainda tem que cuidar da casa, dos filhos e do marido. Com a ascensão da mulher aos postos de trabalho, abrem-se espaços para crises sociais e também para confronto de papéis, dando início a um período de inadequação com a própria cultura. Com as transformações sociais é comum o “aparecimento” de discursos já-dito em outro momento, mas que surgem como um jamais-dito.

Com a entrada em massa de mulheres no mercado de trabalho é preciso que se avalie as condições de trabalho que são impostas a elas. E no caso das operárias, será que dentro de uma empresa elas têm a possibilidade de ascensão ou simplesmente estão cargos que são desprezados pelos homens?

Segundo Barbosa “Ser mulher operária, [...] é antes de tudo um desafio. Primeiro por ser mulher, condicionada culturalmente pela opressão. Segundo, por ser operária, categoria marcada

pela exploração” (2007, p.11).

No *Jornal do Comércio* é notória a tentativa de comercialização do Dia Internacional da Mulher quando o mesmo expõe que em um determinado estabelecimento comercial estarão sendo oferecidos serviços de tratamento destinados ao público feminino em comemoração ao dia internacional.

Segundo González “[...] após os anos 1980, os meios de comunicação, diversas instituições e empresas vêm tentando absorver o Dia Internacional das Mulheres e transformá-lo em mais um evento do mercado, um dia de flores, de homenagens, de presentes... e reforço da feminilidade tradicional” (2010, p.17).

No jornal *A Crítica* percebe-se uma alternância no discurso, ou seja, elogia-se a mulher e se exalta qualidades tidas como características da personalidade da mulher e quando se refere ao mundo dos negócios muda-se a impressão a respeito dela. Como no trecho a seguir: “Donas de casa e de empresas”.

No trecho acima é possível perceber, ainda, certo preconceito com relação às mulheres, pois o jornal continua a destacar o lugar das mulheres no ambiente doméstico e coloca como uma informação acessória o 'de empresas' como algo que aconteceu acidentalmente e que talvez não desse certo, mas deu. Portanto, não era se de esperar por parte das mulheres algum sucesso em relação ao mercado de trabalho, além de posições desprezadas pelos homens e que foram por elas ocupadas posteriormente.

Essa ideia de um acontecimento inesperado, acidental da conquista de mulheres na direção de empresas se repete no decorrer do jornal, como no seguinte trecho: “Com notória capacidade para administrar e conciliar vida familiar e profissional, mulheres se dão bem como empresárias”.

E novamente o reforço da mulher no lar e a subestimação da capacidade da mesma em administrar uma empresa são posta no jornal, desta vez com a expressão: “se dão bem”. Esse reforço da mulher no ambiente doméstico é uma das regras que a mulher moderna tem que enfrentar. Ou seja, ela pode trabalhar ter sua carreira profissional consolidada, mas desde que ela

não abandone o lar e tudo o que vem com ele, como: filhos, marido e os cuidados com a casa.

Questões como essas encontram explicações com base em dois conceitos em análise do discurso, e são eles: formação discursiva e memória discursiva.

A formação discursiva, neste caso, refere-se a uma época no qual esse discurso tem espaço histórico-social para existir e que em outras épocas não tinha. As situações das mulheres eram questionadas, por exemplo, durante o século XIX e como é hoje?

Com relação ao segundo conceito ele faz referência a uma memória social que se tem a respeito das mulheres e sua condição social, pois é sabido que durante muito tempo as mulheres tiveram que ser submissas aos homens e não lhe havia outra forma de ascensão social sem ser pelo casamento.

Mas, a mulher moderna conforme é reforçado por ambos os jornais pode trabalhar e escolher se querem casar ou ficar solteiras, se querem ter filhos ou não. Infelizmente esse cenário ainda é muito heterogêneo uma vez que muitas mulheres, independentemente da classe social a qual pertence, continuam sofrendo com os diversos tipos de violência. Mais é notório o apagamento pelo qual a mulher operária tem que se submeter nos jornais durante o Dia Internacional da Mulher.

A imagem de mulher retratada pelos jornais é diferente. O jornal *A Crítica*, por exemplo, costuma mostrar no Dia Internacional, a mulher como: esposa, dona de casa, mãe, filha, companheira e que tenta conciliar todas essas funções com a sua atuação profissional. E o discurso da Mazé Mourão anteriormente exposto neste trabalho expressa muito bem o ideal de mulher atual que o jornal deseja transmitir. Com relação ao Jornal do Comércio, o retrato de mulher ideal é diferente, uma vez que ela, além de ser mulher, tem que ter uma carreira profissional consolidada, independência financeira e etc.

Gênero feminino tem participação decisiva na economia

A análise de dados obtidos em cinco fábricas locais de tamanhos e ramos diferentes, levantados com o objetivo de revisitar as tarefas femininas depois da introdução de novos campos para as mulheres na indústria e novas tecnologias, conclui que os aspectos apresentados ao longo deste trabalho aponta que a mulher participou ativamente na elevação do nível econômico das cidades na década de 1940. Elas foram de suma importância para que as fábricas chegassem ao potencial que têm hoje. (JORNAL DO COMÉRCIO, 7 e 8 de março de 2010).

Dentre alguns aspectos presentes no jornal que nos permitem entender o funcionamento discursivo no que tangem a imagem da mulher operária da Zona Franca um deles é: “Gênero feminino tem participação decisiva na economia”. Mais que gênero feminino é esse? E que “participação feminina decisiva” foi essa? De acordo com Barbosa:

Os homens vinham na frente, as mulheres logo em seguida, mas faziam uma espécie de estágio em casa de famílias, trabalhando como domésticas, era só o tempo de se adaptar na cidade e colocar os documentos de forma atualizada. Um puxavam as outras. O acesso era fácil, bastava ter boa saúde e saber fazer as quatro operações: subtrair, somar, dividir e multiplicar. (2007, 56:57).

A mesma autora afirma que com a implantação do Modelo Zona Franca de Manaus era normal os pais mandarem suas filhas para morarem com alguém importante na cidade com intuito de elas tivessem melhores condições de vida na cidade. E na cidade eles achavam que na capital elas seriam tratadas como as filhas do patrão. Porém, ao chegarem a Manaus cheias de sonhos essas jovens se defrontaram com outra realidade e tinham que trabalhar como domésticas nas casas desses patrões. Surgindo aí, ainda segundo Barbosa (2007), os primeiros empregos domésticos.

Trabalhar no Polo Industrial de Manaus era um sonho que muitas delas tinham quando chegavam a Manaus. Prestar serviços domésticos era somente uma etapa a cumprir até chegar ao Polo Industrial de Manaus. E como a demanda se tornou grande, muitas delas aproveitaram para migrar para o Polo Industrial com a intenção de melhores condições salariais e trabalhistas. Em decorrência dessa grande demanda por mão de obra, o acesso se tornava fácil e saber ao menos as quatro operações já eram o suficiente.

Para melhor compreendermos o que é a Zona Franca de Manaus, Pereira afirma que:

A Zona Franca é uma área fechada, isenta da aplicação da legislação alfandegária vigente no território onde se situa. Nela, mercadorias vindas do exterior são desembarcadas, manipuladas, transformadas, embaladas e reembarcadas, sem nenhum controle alfandegário. As atividades que ali se desenvolvem podem ser de comércio, de indústrias ou ambas, com o possível predomínio de uma delas. (2006, p.11).

O modelo Zona Franca foi criado com o intuito de desenvolver a região amazônica que, depois do declínio na Era da Borracha que passou por três longas décadas de amargo isolamento econômico e cultural tendo que depender única e exclusivamente dos recursos financeiros País.

Entender questões como essa é fundamental porque a criação do modelo Zona Franca e

posteriormente o seu consolidamento possibilitou as mulheres participação foi realmente o papel da mulher para o desenvolvimento da economia amazonense e suas formas de atual em diversos setores da economia do Amazonas.

A seguir, há mais um trecho do *Jornal do Comércio* exposto nele no formato de um editorial cujo título é: “Presença feminina segue crescendo nas fábricas do Polo Industrial de Manaus” e discorre sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho.

A mulher avança no mercado de trabalho, conquistando a cada dia mais espaços, em todos os níveis. Pode-se dizer que isso não é fato novo e vem ocorrendo há décadas, com especial vigor nos países ocidentais. Quem assim afirmar terá toda a razão. Porém estará correto, igualmente, quem disser que esse fenômeno tem seus índices mais positivos nesses últimos anos, com a educação e a qualificação profissional como diferenciais. (2009, 8 e 9 de março).

No editorial do jornal não é falado que mulher é essa que avança sobre o mercado de trabalho e muito menos os cargos que elas ocupam ao chegar ao mercado de trabalho. Que níveis são esses que as mulheres ocupam no mercado de trabalho? Percebe-se também no trecho acima, outro elemento que atesta a presença de um discurso autoritário, principalmente quando o editorial do jornal afirma que: “Quem assim afirmar terá toda razão”. Logo, quem pensar o contrário do que foi exposto pelo jornal estará sem razão, não é válido, caracterizando assim o discurso autoritário que o mesmo expõe durante a matéria.

5.0 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

Todos os jornais foram coletados com exceção do *Jornal do Comércio* do ano de 2007. Foram feitas diversas visitas às bibliotecas do Centro de Manaus, mas devido as mesmas estarem fechadas para reformas não foi possível obter esse jornal. Os outros jornais foram coletados na sede do próprio *Jornal do Comércio* e também na do *Jornal A Crítica*.

Essa pesquisa é importante porque ajuda a população em geral a entender o que é a Análise do Discurso de linha francesa e qual é a importância dela para a sociedade. A Análise do Discurso visa analisar não somente um texto e todas as informações dadas por esse texto. A AD nos possibilita ir além do próprio texto e buscar a relação desse texto com outros que o originaram e

com os quais ele conversa. Pois, é a partir daí que entenderemos o funcionamento discursivo do mesmo.

6.0 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Como foi exposto durante este trabalho, o ideal de mulher apresentado pelos jornais possui posições de sujeitos diferente. Vale ressaltar que os jornais *A Crítica* e do *Comércio* tem público-alvo diferente. O jornal *A Crítica* é mais presente nas grandes massas da sociedade manauense; enquanto o *Jornal do Comércio*, apesar de não deixar isso claro, destina-se aos ramos comercial e empresarial. Em decorrência disso, a abordagem sobre a imagem da mesma também é diferenciada.

Foi possível perceber que, para o jornal *A Crítica* o ideal de mulher é aquela que é ao mesmo tempo em que é trabalhadora é também filha, mãe, esposa e/ou dona de casa e tenta conciliar todos esses atributos com a sua carreira. Atributos esses que se fazem muito presentes no jornal e caminham lado a lado com a vida profissional da mulher.

Com relação ao *Jornal do Comércio* esses atributos citados acima são postos como acessórios, sem muita importância. O que é afirmado e reafirmado é o ideal de mulher bem sucedida como sendo aquela que é executiva, empresária ou que aquela que ocupam cargos elevados em empresas, enquanto o fato de ser mãe, por exemplo, é posto como algo a mais nada vida da mulher mais o foco dela mesmo é a vida profissional e tudo aquilo que vem como: lucro, tempo, desempenho, salário e a carreira.

Os jornais respondem a um discurso do momento e segue a mesma linha que prega que a mulher deve ser independente, trabalhar e ter o seu próprio dinheiro.

Em suma, o discurso é um efeito produzido por tantos discursos presentes no interdiscurso. São mecanismos que constroem e produzem o discurso e lhe dão autenticidade, aquilo que chamamos de efeito de verdade. Há uma sociedade que deseja diminuir o valor antigo da imagem que a mulher tinha – ela é mais eficiente. E isto está presente em menor ou maior intensidade em ambos os jornais pesquisados.

7.0 – REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ierecê. Chão de Fábrica – Ser Mulher Operária no Pólo Industrial de Manaus. Manaus: Editora Valer, 2007.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do discurso**. 8a edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- BAHKTIN, M, (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Hucitec: São Paulo, 1992.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- COSTA, Marcus Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (orgs.). Manual de linguística. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011, pp. 113-126.
- GALVÃO, Margarida. Gênero feminino tem participação decisiva na economia. **Jornal do Comércio**. Manaus, 7 e 8 de março. 2010. Economia, p. A5).
- GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. As origens e a comemoração do dia internacional das mulheres. Tradução Alessandra Ceregatti. São Paulo: Expressão Popular, 2010. **(VERIFICAR)**
- HIRATSUKA, L. **Um rio de muitas cores**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- JORNAL A CRÍTICA. Dia da Mulher. Manaus, 8 de março. 2007, p. C6.
- JORNAL DO COMÉRCIO. Presença feminina segue crescendo nas fábricas do Polo Industrial de Manaus, 8 e 9 de março. 2009, p . A2.
- MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux Hoje** – Denise Maldidier; tradução Eni P. Orlandi – Campinas: Pontes, 2003.
- MARINHO, Jhemisson. Independentes: Extinta idéia de sexo frágil dá lugar a mulheres que conquistam espaços. **Jornal do Comércio**. Manaus, 7 e 8 de março. 2008. Negócios & Serviços, p. B3).
- _____Elas ganham programas exclusivos. **Jornal do Comércio**. Manaus, 7 e 8 de março. 2008. Negócios & Serviços, p. B3.

- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Vozes, 2003.
- MUSSALIM, F. “**Análise de Discurso**”, in Mussalim, F. & Bentes, A. C. Introdução à linguística. São Paulo: Cortez, 2001.
- SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Conhecendo a Análise de Discurso: Linguagem, sociedade e ideologia**. Manaus: Editora Valer, 2006.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos**. 9. ed. Campinas: Pontes, 2010.
- _____ **Discurso e Texto. Formulação e Circulação dos Sentidos**. Pontes, 2001.
- _____ **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Pontes, Campinas, 1990.
- PEREIRA, Deusamir. Amazônia (in) sustentável: Zona Franca de Manaus – estudo e análise. Manaus: Editora Valer, 2006. **2. ed.**
- PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2011.
- VIEIRA, Ivânia Maria Carneiro. **O discurso operário e o espaço da fala da mulher** – Um estudo sobre o Linha de Montagem. / Ivânia Maria Carneiro Vieira. - Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2002.